

# DA FILOSOFIA À LITERATURA EM BUSCA DE UM ESPAÇO OUTRO: UMA LIGAÇÃO ENTRE FOUCAULT E BLANCHOT

CAMILLA MUNIZ

**Resumo:** Ao percorrermos o pensamento de Foucault sobre a literatura se faz notável a influência que Maurice Blanchot, autor no sentido forte, tem sobre o seu pensamento. Blanchot ao forjar o conceito de *Fora* sugere uma literatura que constitui uma realidade própria desconstruindo a ideia de que a literatura é uma forma de chegar à realidade do mundo propondo, então, o contrário, que a palavra literária seja instauração de novos mundos. Nesse movimento a literatura funda sua própria realidade. Foucault apropria-se do conceito de *Fora* blanchotiano para desenvolver o que seria o pensamento do exterior, o *Vazio*. Ao se apoiar na exterioridade, na dispersão, na impessoalidade da linguagem da literatura moderna é que ele firma-se na contracorrente do humanismo, da dialética, do estruturalismo. Foucault percebe a força demolidora da Literatura moderna, em especial a de Blanchot, sua operação no campo da alteridade absoluta, no plano assubjetivo e fazendo uso dos atributos dessa propõe a dispersão do sujeito na ordem dos discursos. Ao tratar da morte do homem, do seu

desaparecimento, ele irá desembocar no desaparecimento da função autor apoiada na identidade, na individualidade, na biografia, na origem, no eu, daquele que fez a obra. É vendo a obra de Blanchot, que aponta para esse Fora da linguagem literária, mostra o afastamento do autor para a sobrevivência da literatura, o falar da literatura estando fora dela, é que Foucault percebe a possibilidade de poder pensar uma Filosofia estando fora dela, dessa forma consegue o deslizar do pensado para o impensado. Nesse percurso trataremos de esclarecer a noção de Fora e Vazio que possibilitou a Foucault pensar em uma matéria móvel, onde nada ainda aconteceu.

**Palavras-chave:** Vazio; Ficção; Literatura

**Abstrat:** To the we travel the thought of Foucault on the literature is done notable the influence that Maurice Blanchot, author in the strong sense, has on his thought. Blanchot when forging the concept of *out* suggests a literature that constitutes a reality own deconstructing the idea that the literature is a way to reach the reality of the world proposing, then, the opposite, that the literary word be introduction of new worlds. In that movement the literature founds his own reality. Foucault appropriates the concept of out blanchotiano to develop what would be the thought of the exterior, the Emptiness. When leaning on in the exteriority, in the dispersion, in the impersonality of the language of the modern literature it is that he is firm in the counter-current of the humanism, of the dialectics, of the structuralism. Foucault notices the devastating force of the modern Literature, especially the one of Blanchot, her operation in the field of absolute otherness, in the plan without subjectivity and making use of the attributes of that proposes the subject's dispersion in the order of the speeches. When treating of the man's death, of her disappearance, he will end in the function author's disappearance supported in the identity, in the individuality, in the biography, in the origin, in the me, of that that made the work. It is sells the work of Blanchot, that appears for that Out of the literary language, it shows the author's removal for the survival of the literature, speaking of the literature being out of her, it is that Foucault notices the possibility to think a Philosophy being out of her, in that way it gets sliding of the thought for the thoughtless. In this course we will try to clarify the concept of out and empty that enabled Foucault think of a mobile field, where nothing has happened yet .

**Word-keys:** Emptiness; Fiction; Literature

## 1. O exterior e o vazio

O artigo buscará fazer uma análise sobre a questão da lei e normatividade no pensamento de Michel Foucault, ou seja, a passagem de uma lei que é moral e normativa para uma moral que é ética. O ponto fundante do pensamento é a noção de vazio inserida nas observações que Foucault faz sobre a lei e a normativa na construção de seus enunciados. Construção essa que desemboca no poder da atração do exterior, a atração por esse vazio do exterior, na negligência da própria lei.

O que está em questão é o próprio jogo da lei, do zelo e da negligência, do antagonismo necessário para o mantimento da própria lei e de sua jurisprudência. Para o filósofo francês, o ser atraído é uma maneira de dissimular a lei, já que ele conjuga a lei e o desejo, fazendo, assim, uma leitura transversal de Blanchot. Tal conjugação é feita em torno de um sentido de invisibilidade. Para isso, Foucault serve-se de um personagem blanchotiano: Henri Sorge, cujo nome nos remete a ideia cuidado, ele seria uma espécie de “Orestes ansioso por escapar da lei para melhor se submeter a ela” Cf. FOUCAULT (1990, p.49). Mas quem é Henri Sorge? Qual o motivo pelo qual Foucault se utiliza desse personagem?

Henri Sorge é funcionário público, está empregado na prefeitura, nos gabinetes do funcionalismo público. Henri não passa de um elo, ínfimo sem dúvida, nesse organismo estranho que faz das existências individuais uma instituição, ele é a forma primeira da lei, pois transforma todo nascimento em arquivo. Mas, eis que ele abandona sua tarefa, eis que ele tem uma licença que ele prolonga sem autorização, mas com a cumplicidade da administração que lhe facilita implicitamente essa essencial ociosidade. Basta esse quase afastamento para que todas as existências se desorganizem e a morte inaugure um reino que não é mais aquele classificador do estado civil, mas aquele, desordenado, contagioso, anônimo da epidemia. Esse ponto trata de uma lei sempre recuada, que está imóvel na sua relação com o vazio, com o fora, o exterior. Na obra *O que é a Filosofia?* (1996) Gilles Deleuze e Félix Guattari, o

filósofo mergulha no caos, ordenando-o para criar conceitos, traçar um plano de imanência e inventar personagens conceituais. Estes personagens efetivam-se como condições de possibilidade de produção de pensamento, cuja proveniência é a literatura.

Cabe, então, esclarecer – embora eu saiba que em um simples texto não dará para desenvolver todos esses conceitos – o que seria a lei, a norma, o exterior e sua relação com o conceito do Fora<sup>1</sup>, a atração, a negligência conceitual, esses, desenvolvidos no pensamento de Foucault e trazendo, para melhor explicitar esses conceitos, as obras de Blanchot<sup>2</sup>. Ou seja, mostrar como a imbricação entre esses autores se toca e se converge para uma filosofia que trata não somente da formalidade, da formação do enunciado, mas que busca demonstrar os motivos que se dissimulam por detrás de tais formulações enunciativas.

É preciso deixar claro que não se trata de uma busca formal do enunciado, ou de uma busca pela verdade de um enunciado, ou até mesmo de um enunciado tido como verdadeiro, mas uma busca que ultrapassa o próprio enunciado, o que ainda está por vir, por se formular, o próprio desejo e atração. Toda a obra de Foucault procura saber quais são as proveniências, as condições de possibilidade para a constituição do sujeito, dos enunciados, das regras, procurar conhecer as condições nas quais uma determinada forma de conhecimento emergiu recebendo o estatuto de verdade. Assim, para Foucault:

---

<sup>1</sup> O conceito de Fora foi forjado por Blanchot. Tal conceito refere-se ao próprio espaço literário, ou seja, a literatura não se dá num espaço exterior ao mundo, ela é o *fora*, esse lugar sem intimidade, sem interior oculto, onde o artista é aquele que perdeu o mundo e que também se perdeu, uma vez que não pode mais dizer “Eu”.

<sup>2</sup> Maurice Blanchot foi escritor, ensaísta, jornalista, romancista e crítico de literatura. Estudou filosofia na Universidade de Estrasburgo, em meados dos anos 20 onde conheceu Emmanuel Lèvinas, o qual se tornou seu grande amigo. Além da filosofia Blanchot estudou alemão na mesma universidade. Teve forte participação política na França escrevendo para jornais de direita mostrando seu ponto de vista sobre o nacionalismo e sobre a esquerda francesa. Porém criticava toda forma de Estado autoritário, de antissemitismo. Sua escrita é uma forma de combate a todo e qualquer ódio e, também, como combate ao fascismo. Era uma literatura que podemos chamar de engajada. Blanchot em sua literatura é capaz de destruir, mudar, o seu próprio rosto, ou seja, através de suas obras percebemos a mudança que há no pensamento de Blanchot mostrando-se totalmente diferente de quando ele havia chegado a Universidade de Estrasburgo. Blanchot apaga seu próprio rosto.

A questão é determinar o que deve ser o sujeito, a que condição ele está submetido, que situação deve ter, que posição deve ocupar no real ou no imaginário, para torna-se sujeito legítimo, deste ou daquele tipo de conhecimento; em suma trata-se de determinar seu modo de 'subjativação' (...).HUISMAN, Denis. *Dicionário dos Filósofos*. p.389, 2001.

## 2. A relação de Blanchot no pensamento de Foucault

Foucault ao tentar compreender os diversos modos de subjativação e de constituição do sujeito a partir das diversas forças e dos diversos poderes presentes na história, – isso é percebido principalmente quando vemos sua arqueologia, sua análise sobre os extratos históricos –, é inegável que suas análises implicam em dois temas que estão correlacionados a essa busca pelas condições de possibilidade da formação subjetiva: a ética e a política. Nessa busca, pôde mostrar que “verdades” e “fatos” constroem-se a partir de certas condições, de certos regimes e discursos de verdade, que de acordo com certos regimes, tornam-se legítimos e inquestionáveis pelas suas próprias regras e condições. Dessa forma, o que importa para ele não é descobrir as coisas verdadeiras, mas antes, as regras, os jogos de verdade que estabelecem e legitimam discursos e práticas pelas quais o sujeito é legitimado a pensar, a agir e dizer sobre um determinado conhecimento. Foucault não vai se debruçar sobre quaisquer regras de verdade, mas somente sobre aquelas em que o próprio sujeito é colocado como objeto de um saber possível. Assim, a figura do louco, do delinquente, as práticas da psiquiatria, a sexualidade são temas riquíssimos para ele, pois retratam “a formação dos procedimentos pelos quais o sujeito é levado a observar-se, analisar-se, decifrar-se, a reconhecer-se como possível”. (HUISMAN. 2001, pp.389).

Em *As palavras e as coisas*, Foucault ao falar da literatura acredita que o espaço literário tinha a capacidade de criar novas formas de pensamento que se distanciava das concepções narcisistas e indentitárias da formação do sujeito. Com isso a filosofia do sujeito diante da literatura torna-se fragilizada. Abaladas pelas características próprias do espaço literário, onde este suposto

sujeito é colocado em questão. Ele tinha a literatura como um espaço anárquico, porém com uma aproximação maior com a literatura Foucault irá perceber que a literatura perdeu seu carácter de ruptura e transgressão a partir do momento em que se alinhou às forças de mercados e ao sistema consumo.

Foi Maurice Blanchot, escritor que teve grande influência no pensamento de Foucault, que pôde mostrar-lhe o caminho para abandonar a literatura devido à perda de seu carácter contestador e de exterioridade com as formas de sujeição. Segundo Foucault, aquele que estava mais tomado pela literatura (Blanchot), foi quem nos obrigou a sair dela. Se o papel da literatura era revelar-nos os processos de dominação efetuados pelo poder, agora, ela mesma estaria fazendo parte desse poder. Em seu texto *A linguagem ao infinito* Foucault começa-o com uma frase de Blanchot “escrever para não morrer”. A narrativa tem o poder de suspender o tempo. Assim Foucault diz: “o discurso como se sabe tem o poder de deter a flecha já lançada em um recuo do tempo que é seu espaço próprio”. De maneira semelhante, a morte que é o fato mais soberano, abre no próprio ser e no presente do homem um vazio “a partir do qual e em direção ao qual se fala”. Assim, a própria linguagem seria uma maneira dos homens se afastarem, pelo menos momentaneamente, do encontro final e derradeiro com a morte.

As mais mortais decisões, inevitavelmente, ficam suspensas no tempo de uma narrativa (...). Os deuses enviam os infortúnios aos mortais para que eles os narrem; mas os mortais os narram para que esses infortúnios jamais cheguem ao seu fim, e que seu término fique longínquo das palavras, lá onde elas enfim cessarão, elas que não querem se calar. Cf. FOUCAULT. *Ditos e escritos III*, p.48.

A linguagem está ligada à morte por uma relação ambígua, ao mesmo tempo em que ela necessita da aproximação com o vazio da morte (a partir do qual se fala) para poder seguir seu caminho ao infinito, por outro lado, busca da própria morte um afastamento também infinito. Esta relação não seria outra coisa que a manutenção infinita da própria linguagem estendendo a vida

para além dos limites da morte. “É bem possível que a aproximação da morte, seu gesto soberano, sua proeminência na memória dos homens cavem no ser e no presente o vazio a partir do qual e em direção ao qual se fala” (*Idem*).

Se pensarmos nessa continuidade infinita da própria linguagem (a linguagem indo além dos limites da morte), percebemos o quanto a linguagem pode estar livre das determinações individualizantes do Eu. O sujeito, o Eu e a consciência de si só podem ser pensados a partir de um limite, de uma identidade, mas a linguagem, ultrapassando toda determinação, pode ser pensada ao infinito.

Em homenagem à influência que Blanchot teve sobre o seu pensamento, Foucault escreveu um belíssimo texto intitulado *O pensamento do exterior*, onde Foucault ver e aponta nas obras de Blanchot uma experiência de dessubjetivação. A literatura de Blanchot oferece um espaço neutro onde o eu, o sujeito, a sua unidade subjetiva não está presente. Por isso, Foucault vai buscar na literatura, em especial nas obras desse autor, a possibilidade de se pensar em um espaço neutro, espaço em que há uma elisão do sujeito, em que o Eu apresenta-se destituído de toda a sua hegemonia imposta pela tradição.

Para explicitar a diferença entre o pensamento do interior e o pensamento do exterior Foucault utiliza-se de duas formas: “Eu penso” e o “Eu falo” Cf FOUCAULT.M, *Ditos e escritos III*, p.220-221. No primeiro caso há uma presença de um sujeito que se apresenta como figura soberana, inquestionável pela própria natureza de pensar. No “Eu falo”, diz Foucault “há um vazio que circunda o próprio discurso afirmando seu caráter transitivo, de passagem”. Ou seja, no “eu falo”, tudo o que existe é a própria linguagem enquanto linguagem, o vazio a circunda tanto no instante anterior quanto no instante posterior ao seu discurso. Esse estado fugaz, de falta de conteúdo e fragilidade é menos uma fraqueza da linguagem do que a possibilidade de abertura para um espaço infinito que, ao invés de fundamentar a presença indispensável de um sujeito, dispensa-o, pois neste espaço de “pura linguagem” não há lugar para o estabelecimento de algo que não seja ela mesma, a própria linguagem.

### 3. Um breve passeio pelas formas da escrita e pela filosofia

Ao apresentar os conceitos de atração, negligência, zelo, ficção e vazio, na obra *Ditos e Escritos* (1994), em especial o texto *A experiência do Exterior* de Michel Foucault trás esses conceitos para elucidar o pensamento do autor em relação à experiência que temos com a exterioridade<sup>3</sup>, com o pensamento do exterior. Experiência, essa, que não se localiza na linguagem que podemos chamar de uma linguagem de representação, mas em outra, uma linguagem que tenta fugir desta. Uma linguagem que nos remete ao inconsciente, à negligência do zelo para com a lei, à atração irremediável pelo vazio. Com esse percurso podemos compreender o que Foucault fala sobre a literatura de Blanchot, o que nos possibilita entender a relação que há entre a lei e o vazio.

Segundo Blanchot o que convém a nós chamarmos de “literatura” e com a qual temos uma experiência que de certa forma é mística, é que essa “literatura” veio com uma seriedade renovada depois que Mallarmé tendeu a tornar estéreis – distinções que consideram que há livros de crítica ou reflexão, enquanto outros recebem o rótulo de romance e outros, ainda, se dizem poemas. Segundo o autor (Blanchot) é provável que tais rotulações e distinções perdurem durante muito tempo, assim como haverá livros muito tempo depois de que o conceito de livro estiver esgotado – essas distinções. É que através delas e mais importante do que elas foi, então, possível vim à luz a experiência de alguma coisa que continuamos a denominar por “literatura”. Uma literatura renovada e entre aspas.

Blanchot assinala que ensaios, romances, poemas davam a impressão de estarem ali, de terem sido escritos simplesmente para permitir que o trabalho da literatura se realizasse e, por intermédio desse trabalho, fosse formulada a questão: O que está em jogo no fato de poder existir alguma coisa como a arte ou a literatura? Questão essa que é extremamente premente,

---

<sup>3</sup> Há uma diferença conceitual entre o conceito de Fora de Blanchot, o qual Foucault faz utilização, para o conceito de *Exterioridade*, de experiência do exterior. Foucault irá fazer uso do conceito de Fora mas dando a esse conceito uma outra assinatura e será daí que deriva o seu conceito de exterioridade, de uma experiência do exterior, para que com isso pudesse fazer uma filosofia estando fora dela.

angustiante e segundo ele é uma questão que escamoteava e ainda escamoteia uma tradição secular de esteticismo.

No entanto ele não é imprudente ao ponto de afirmar que esse momento estivera ultrapassado, caso viesse a afirmar isso tal afirmação seria desprovida de sentido, como ele mesmo fala. A literatura se apropria do que quer que façamos do que quer que escrevamos – isso a experiência surrealista nos demonstrou – e dessa forma nós ainda permanecemos dentro da civilização do livro. Ele, contudo, atribui ao trabalho e as pesquisas literárias uma contribuição para abalar os princípios e as verdades abrigadas pela literatura. Tal trabalho, em correlação com determinadas possibilidades do saber, do discurso e da luta política, fez emergir, segundo ele não pela primeira vez – visto que tal origem, justamente, é a repetição, a persistência eterna – afirma nas obras, de maneira mais insistente, a questão da linguagem e por intermédio da questão da linguagem é levantada outra questão, a questão do escrever, esse jogo insensato do escrever.

O escrever é uma experiência para ele que consiste em uma força aleatória, algo único, singular. Diferentemente da escrita, e aí consiste a crítica dele, que se pôs a serviço da palavra ou do pensamento dito idealista, ou seja, moralizante. A exigência para se escrever requer uma escrita onde ela seja essa força aleatória de ausência sendo, assim, uma escrita onde ela parece consagrar-se apenas a si mesma, permanecendo sem identidade e, pouco a pouco libera possibilidades totalmente diferentes, um jeito anônimo, distraído, diferido e disperso de estar em relação, “um sujeito por intermédio do qual tudo é questionado, e, para começar, a ideia de Deus, do Eu, do Sujeito, depois da Verdade e do Uno, depois a ideia do Livro e da Obra” (BLANCHOT, M. 2010, pp. 8). Com isso ele quer que essa escrita entendida em seu rigor enigmático longe de ter por meta o Livro, assinalaria, antes, seu fim: escrita essa que se poderia dizer fora do discurso, fora da linguagem.

Para tornar claro – ou obscurecer a mente do leitor – o que Blanchot quer dizer ao se referir ao “fim do livro”, ou como ele mesmo diz “à ausência

do livro”, não está pensando em aludir aos meios audiovisuais de comunicação com que tantos especialistas se preocupam. Que se possa interromper a publicação de livros em benefício de uma comunicação pela voz, pela imagem, ou pela máquina, para ele isso em nada modificaria a realidade daquilo que denominamos de “livro” ao contrário, a linguagem, como palavra, nele afirmaria ainda mais sua predominância, sua certeza de ser uma verdade possível. De forma mais explícita o que ele fala é que o Livro indica sempre uma ordem submetida à unidade, um sistema de noções em que se afirma o primado da palavra sobre a escrita, do pensamento sobre a linguagem, e a promessa de uma comunicação que algum dia será imediata ou transparente.

No pensamento de Blanchot sobre essa experiência da escrita ele suscita que é possível que o ato de escrever, no sentido blanchotiano, exija um abandono de todos esses princípios, ou seja, o fim e também a conclusão de tudo o que garante nossa cultura, não para voltar de forma idílica atrás, mas antes para ir além, até o limite, com o objetivo de tentar romper o círculo, o círculo, segundo ele, de todos os círculos: “a totalidade dos conceitos que funda a história, nela se desenvolve e da qual ela é o desenvolvimento”. (BLANCHOT, M. 2010, pp. 9).

Escrever, ele supõe ser uma mudança radical de época é a própria morte, a interrupção, o ‘fim da história’, “e, nisso, passa pelo advento do comunismo, reconhecido como a afirmação última, visto que o comunismo continua sempre a estar além do comunismo” (BLANCHOT, 2010, pp.9) dessa forma, escrever passa a ser uma responsabilidade terrível. A escrita é convocada a desfazer o discurso no qual por mais infeliz que nos acreditemos, mantemo-nos, nós que dele dispomos, confortavelmente instalados. Essa convocação é invisível. Partido desse ponto de vista escrever passa a ser a maior violência que existe, pois transgride a Lei, toda a lei e sua própria lei. Ela não abandona a lei, ela vai além da lei e de sua própria lei, ela morre para ressurgir.

Segundo fala Blanchot cada distinção, cada gênero tem sua forma a poesia tem sua forma, o romance tem sua forma, ou como ele prefere definir em

sua nota de rodapé<sup>4</sup> a poesia e o romance eles próprios são formas, palavras que então, longe de esclarecer algo, carregam a totalidade da interrogação. A procura da forma onde coloca em jogo o movimento mesmo de toda procura parece ignorar que ela mesma não a tem ou, como explicita o autor, recusa ponderar aquela que toma emprestada da tradição. “Pensar” aqui equivaleria a falar sem saber em que língua se fala nem que retórica se utiliza. Não há o cuidado de se pressentir a significação que a forma dessa linguagem e dessa retórica põe no lugar daquela cujo “pensamento” pretendia-se estabelecer. Com isso ele nos abre os olhos para essa procura da forma onde acontece de utilizarmos palavras eruditas, conceitos forjados em decorrência de um saber especial, isso é legítimo, mas o modo pelo qual se manifesta o que está em questão na procura continua sendo o de uma exposição seguindo o modelo de dissertação escolar e universitária. O saber e o modo de escrita dessa forma estão presos à institucionalização do próprio saber e de reprodução escrita do pensamento.

Contudo, são apontadas pelo autor algumas grandes exceções onde são citados certos textos do pensamento hindu, a primeira linguagem grega, inclusive a dos diálogos. A filosofia – filosofia ocidental – temos a exemplo a *Summa* de São Tomás de Aquino que possui uma forma rigorosa, uma lógica determinada e de um modo de questionar que se compõe já como uma forma de resposta ela realiza a filosofia como instituição e como ensino. Indo de encontro a isso, temos como exemplo, os *Ensaio*s de Montaigne eles fogem a essa experiência de pensamento que pretende ter uma sede na universidade. Já no *Discurso do Método* de Descartes não vemos mais a forma de uma exposição como na filosofia escolástica, mas a forma dessa obra descreve o próprio movimento de uma procura, procura que liga pensamento e existência em uma experiência fundamental, sendo essa procura a de uma andança, a de um método e sendo esse método a conduta de pensamento, tal conduta é o modo de comporta-se e de avançar de uma pessoa que se interroga. Dessa análise ele

---

<sup>4</sup> No texto que compõe o livro *A conversa Infinita*: a palavra plural, ele lança uma nota de rodapé para explicar o que seria a forma e dizer que essa palavra não esclarece muita coisa.

faz a seguinte observação: “a forma pela qual o pensamento vai ao encontro do que busca está ligada, muitas vezes, ao ensino. Já era assim para os mais antigos.” (BLANCHOT, M. 2010, pp 30). Temos como exemplo disso a diferença entre Heráclito para Sócrates, Platão, Aristóteles. Enquanto que para Heráclito não se tratava somente ensinar, mas é possível que o sentido do *logos* proposto quando ele fala esteja contido na palavra “lição”, a coisa dita a muitos visando a todos, “a conversa inteligente”, que segundo a interpretação de Clémence Rammoux em *Héraclite ou l’homme entre les choses et les mots*, conversa que, não obstante, se deve recolocar no quadro institucional sagrado. Sócrates, Platão e Aristóteles para eles o ensino é a filosofia.

O que depois acontece é justamente a institucionalização da filosofia depois disso ela recebe a sua forma de instituição previamente estabelecida nos moldes da qual ela se institui: Igreja, Estado. Ainda na análise da escrita dos filósofos e da filosofia ele irá fazer referência aos que ele denomina de dissidentes desse modelo de filosofia-ensino. Como exemplos dessa dissidência ele fala de Pascal, Descartes e Spinoza, posto que eles não tinham a função oficial de aprender ensinando. Pascal escreve uma apologia, um discurso concatenado e coerente destinado a ensinar as verdades cristãs e disto persuadir aos libertinos, porém seu discurso através da dupla dissidência do pensamento e da morte<sup>5</sup>, para Blanchot manifesta-se como dis-cursus, curso desunido e interrompido que, pela primeira vez, impõe a ideia de fragmento como coerência.<sup>6</sup> Na França do séc. XVIII o portador da filosofia será o escritor. Escrever é filosofar, dessa forma o ensino passa a ser o movimento vivo das cartas enviadas, dos libelos disseminados, dos opúsculos distribuídos.

Os tempos áureos da filosofia crítica e idealista vão confirmar os laços que ela mantém com a Universidade. O filósofo é, sobretudo, professor. Isso ocorre a partir de Kant. Assim como Kant, Hegel consegue levar o papel do professor ao seu máximo, ele, um homem cuja ocupação é falar do alto de uma cátedra, redigir cursos e pensar submetendo-se as exigências dessa forma

---

<sup>5</sup> A morte deve ser tida como o mais essencial dos acidentes para a linguagem.

<sup>6</sup> Cf. BLANCHOT, M. 2010, p. 30.

magistral, isso não é dito por mim e nem por Blanchot com intenção depreciativa é apenas um relato do que realmente ele fez. Nesse encontro da sabedoria com a universidade existe um sentido, um grande sentido. É obvio a necessidade de ser filósofo a título de professor, isso significa dar à pesquisa filosófica a forma de uma exposição contínua e desenvolvida, e isso não pode permanecer sem consequências.

Quando chegamos a Nietzsche, por exemplo, que também foi professor, mas teve que desistir de sê-lo por diversas razões e entre elas uma razão que é reveladora: de que maneira seu pensamento que tem um caráter itinerante, que se realiza por fragmentos, por afirmações separadas e que nelas mesmas exigem a separação, de que maneira *Assim falava Zaratustra* teria podido situar-se no ensino e coadunar-se às necessidades da palavra universitária?

A maneira que a universidade pretendia/pretende manter de se fazer pensar e ser junto com a divisão mestre e discípulo é por Nietzsche rechaçada. “É com ele que algo insólito vem à luz<sup>7</sup>, como algo de insólito viera à luz quando o filósofo tomara emprestada a máscara de Sade, que já não representa o homem *ex cathedra*, mas o homem enterrado das prisões”<sup>8</sup>. O filósofo não pode mais evitar ser professor de filosofia.

Ao analisarmos as relações longínquas entre filosofia e ensino sob a ótica de Blanchot essa relação à primeira vista pode ser respondida da seguinte maneira: “lecionar é falar, e a palavra do ensino corresponde a uma estrutura original, a da relação mestre/discípulo” (BLANCHOT. 2010, pp.32). Está relação de mestre-discípulo por um lado é baseada numa relação oral que a ela seja específica e por outro lado essa relação possui certa anomalia que afeta, evitando todo o sentido realista, o que poderíamos chamar de o espaço inter-relacional. Temos que entender que o filósofo não é apenas aquele que ensina o que sabe, e precisamos entender também que não devemos considerar

---

<sup>7</sup> Isto se exprime na última carta a Burckhardt “Prezado senhor professor, gostaria antes de ser professor da Basileia do que Deus...”.

<sup>8</sup> Cf. BLANCHOT, M. 2010, pp. 31.

suficiente a atribuição ao mestre de um papel de exemplo e definir seu vínculo com o aluno como um vínculo existencial. O mestre, segundo o autor, representa uma região que é absolutamente outra do tempo e do espaço. O que isso quer dizer então? Podemos inferir sobre esse pensamento que o que existe em decorrência da presença do mestre é uma dissimetria nas relações de comunicação. Sendo mais precisa, isso quer dizer que no local onde ele se encontra o campo de relações deixa de ser uniforme para apresentar uma distorção que exclui toda relação direta e até mesmo a reversibilidade das relações. A existência da figura do mestre revela uma estrutura singular do espaço inter-relacional, e é em decorrência desse espaço que ocorre o distanciamento do mestre para com o aluno e esse distanciamento não é o mesmo do aluno para com o mestre, ou seja:

entre o ponto A ocupado pelo mestre e o ponto B que é ocupado pelo discípulo, existe uma separação e uma espécie de abismo, separação que ali em diante rá tornar-se a medida de todas as outras distancias e de todos os outros tempos. Digamos, mais exatamente, que a presença de A para B, mas consequentemente também para A, uma *relação de infinidade* entre todas as coisas, e, antes de mais nada, na palavra que assume essa relação. O mestre, assim, não está destinado a aplainar o campo das relações, mas transformá-los; não a facilitar os caminhos do saber, mas, antes de mais nada, a torná-los não apenas mais difíceis, mas propriamente intransponíveis; o que a tradição oriental da atividade do mestre mostra bem. O mestre não dá coisa alguma a conhecer que não permaneça determinada pelo “desconhecido” indeterminável que ele representa, desconhecido esse que não se afirma pelo mistério, o prestígio, a erudição daquele que ensina, mas pela *distancia infinita* entre A e B. (BLANCHOT, M. *A conversa infinita*, pp.33).

É notável que essa relação baseia-se na palavra, ou melhor, a relação mestre-discípulo é a própria relação da palavra. O discípulo é posto a conhecer mediante ao que lhe é dado de antemão pelo o intransponível do “desconhecido”, o mestre induz o conhecimento para o discípulo através da medida do “desconhecido”. É uma espécie de avanço para a familiaridade das coisas, mas mantendo sua estranheza, é um referir-se a tudo por intermédio da própria experiência da *interrupção* das relações, essa relação refere-se a nada

mais do que o ouvir falar e aprender a falar. Nesse âmbito que se faz possível aludir à relação mestre-discípulo a relação da palavra, quando nela o incomensurável se faz medida e a irrelação a relação.

O “desconhecido” nessa relação se confunde com a pessoa do mestre dessa forma o “desconhecido” passa a ser o seu valor próprio, o seu valor de exemplo, seus méritos de guru e de zaddik. O “desconhecido” não é mais a forma do espaço inter-relacional em que o mestre é um dos termos, onde é ele o princípio de sabedoria. Dessa forma o ensino deixa de corresponder à exigência da procura já que o mestre contém em si a sabedoria plena que o discípulo busca e que a ele é negado através dessa relação mestre-discípulo apoiada no que se pode ser conhecido mas que ao discípulo é negado a oportunidade de conhecer.

#### **4. Da relação mestre-discípulo à relação pensamento-linguagem**

O desconhecido que está em jogo na procura não é objeto nem sujeito. O desconhecido ao se articular com as palavras nos levará à infinidade, a partir disso podemos observar que a forma sob a qual essa relação irá realizar-se deve ter um índice de curvatura tal que as relações de A (mestre) e B (discípulo) jamais serão diretas, nem simétricas, nem reversíveis, que essas relações de A para B e de B para A jamais formarão um conjunto e não terão lugar num mesmo tempo e, portanto não serão contemporâneas e nem comensuráveis. Existem duas alternativas que não convêm para a resolução desse problema de relação; a primeira refere-se a uma linguagem de afirmação e de resposta, ou então uma linguagem linear de desenvolvimento simples, ou seja, uma linguagem em que a própria linguagem não fosse posta em jogo.

Na tentativa e na ânsia de resolvermos esse distanciamento, essa relação com o desconhecido, acabamos por procurar as soluções para esse problema em direções opostas. Uma comporta a exigência de uma continuidade absoluta e de uma linguagem, segundo ele, que poderíamos chamar de esférica

- forma essa que foi proposta pela primeira vez por Parmênides. A outra vai em direção à descontinuidade, ela comporta a exigência de uma descontinuidade mais ou menos radical, a de uma literatura de fragmentos. Essas direções se impõem alternadamente, para deixarmos mais claro essa alternância e imposição, retomaremos a relação mestre/discípulo, relação essa que se refere, simboliza a relação em jogo na procura - como já foi exposto aqui. A relação entre eles (mestre e discípulo) inclui a ausência de uma medida comum, a ausência de um denominador comum e com isso, de certa forma, a ausência de relação entre os termos. Partindo disso Blanchot evidencia uma preocupação inerente que essa relação possui: assinalar seja a interrupção e a ruptura, seja a densidade e a plenitude do campo resultante da diferença e da tensão. Dessa forma a continuidade traz em seu âmago o risco de ser apenas um desenvolvimento simples, suprimindo a irregularidade da "curvatura". A descontinuidade, essa também, traz o seu risco de ser a simples justaposição de termos indiferentes. A continuidade e a descontinuidade são faces de uma mesma moeda já que uma abriga a outra em suas sombras. A continuidade jamais é suficientemente contínua e nem a descontinuidade jamais é suficientemente descontínua.

A continuidade torna-se linguagem oficial da filosofia com Aristóteles. Essa continuidade é a de uma coerência lógica reduzida aos três princípios - o da identidade, o da não-contradição e o do terceiro excluído - essa coerência presente em Aristóteles decorre, como diz Blanchot e Foucault, de uma determinação simples. Por outro lado ela não chega a ser realmente contínua e nem simplesmente coerente já que o Corpus do saber de Aristóteles institui por fragmentos, uma soma disparatada de preleções reunidas, posto que não nos dispomos dos textos de Aristóteles, mas das notas de seus cursos, de "cadernos" de alunos. Encontramos a pretensão de uma continuidade sistemática quando Hegel lança a sua dialética onde a continuidade engendra-se a si própria, indo do centro à periferia, do abstrato ao concreto, não sendo mais somente a de um conjunto sincrônico, mas apropriando-se da duração e da história é constituída como uma totalidade em movimento, finita e ilimitada

de acordo com a exigência circular que responde simultaneamente ao princípio do entendimento e a vontade de ultrapassamento da razão pela negação. Notamos que a forma da procura e a própria procura coincidem ou deveriam coincidir estreitamente. A palavra da dialética não exclui, mas tenta incluir o momento da descontinuidade, a dialética ela:

Vai de um termo a seu oposto, por exemplo do Ser ao Nada; mas o que há *entre* os dois opostos? O nada mais essencial que o próprio Nada, p vazio do entre-dois, um intervalo que sempre se cava e cavando-se se preenche, nada como obra em movimento. Certamente, o terceiro termo, o da síntese, irá suprir esse vazio e ocupar o intervalo, mas em princípio, não o faz desaparecer (porque tudo pararia imediatamente) ao contrário, o mantém realizando-o, realiza-o na sua própria falta, e por isso faz desta falta um poder, ainda uma possibilidade. (BLANCHOT, M. *A conversa infinita*, pp.35).

A contradição posta pela dialética não representa uma separação decisiva, posto que dois opostos pondo-os apenas como opostos, ainda assim, são demasiadamente próximos. Dessa forma na forma da dialética, o momento da síntese, da reconciliação acabe sempre por predominar, já que um está de alguma forma engajado no íntimo do outro. A tentativa da exclusão da descontinuidade pode-se ser traduzida pela monotonia do desenvolvimento em três tempos, enquanto que institucionalmente ela culmina na identificação da razão e do Estado e na consciência da sabedoria e da Universidade. Notemos que esse discurso-escrita sempre está ligado a uma instituição, aparelhado por regras e leis que podem ou não torná-los e toma-los com o teor de “verdade” coerente.

A Universidade é a soma de saberes determinados, que tem tão somente com o tempo a relação de um programa de estudos. O fato de que o sábio aceite desaparecer nesta instituição chamada Universidade isso é algo bem significativo. A palavra ensinada pela Universidade é contenta com a tranquilidade da continuidade discursiva. Essa palavra da universidade nada

tem a ver com a estrutura da palavra mestre-discípulo que nos revelou uma ruptura, uma assimetria, um descompasso, uma descontinuidade.

Das questões que é colocada à linguagem da pesquisa uma trata-se da exigência de uma descontinuidade. Dessa forma, então, como falar de modo que a palavra seja essencialmente plural? Essa pergunta é lançada por Blanchot e ele vai ainda mais fundo ao lançar o questionamento sobre a fala a palavra plural.

Como pode afirmar-se a busca de uma palavra plural, fundada não mais na igualdade e na desigualdade, nem na predominância e na subordinação, tampouco na mutualidade recíproca, mas na dissimetria e na irreversibilidade, de tal modo que, entre duas palavras, uma relação de infinidade esteja sempre implicada como o movimento da própria significação? Ou ainda, como escrever de tal maneira que a continuidade do movimento da escrita possa deixar intervir fundamentalmente a interrupção como sentido e a ruptura como forma? (BLANCHOT, M. *A conversa infinita*, pp.36-37).

Notemos que toda linguagem que tem a função de interrogar, de propor perguntas e questões e não tem como função primordial ou principal de responder, tal linguagem da interrogação já é uma linguagem interrompida, uma linguagem na qual tudo começa pela decisão (ou distração) <sup>9</sup> referente a um vazio inicial. No entanto quando a escrita se contentasse somente com uma continuidade agradável ela mesma, a escrita, não passará disso, será apenas uma trama agradável, uma trama que se tornou aprazível assim como a caligrafia treinada. Quando escrevemos um texto as frases se articulam mais ou menos corretamente, as divisões em parágrafos, como diz Blanchot, são apenas divisões de comodidade; podemos observar que nos textos há uma preocupação com o movimento da escrita, nele há uma continuidade para que assim possa facilitar a sequência de leitura, mas tal movimento contínuo não pode abarcar uma continuidade absoluta. Esse excesso de continuidade – isso pode ser observado nas obras modernas, essa preocupação com uma palavra

---

<sup>9</sup> Cf. *Ibidem*, p.37.

que fosse profundamente contínua – chega a incomodar o leitor e, segundo Blanchot, prejudica nele (no leitor) os hábitos de compreensão normal.

## **5. O limite, a experiência exterior e a linguagem segundo Michel Foucault**

A linguagem a qual Foucault se refere não é uma linguagem da ficção e nem reflexão, tal linguagem não pertence a nada, nem do que já foi dito, nem do que, todavia, não foi dito, senão como um lugar, que entre ambos, é um lugar com um invariável ar de liberdade, a descrição das coisas no seu estado latente. A potência que cria no seu não efetivar-se como algo imutável.

Quando nos referimos a um discurso que seja puramente reflexivo – isso cabe a qualquer discurso dessa natureza – correrá o risco de devolver a experiência do exterior a uma interioridade, a uma dimensão da interioridade. Isso nos aponta o risco de uma reconciliação com a consciência e dessa forma haverá uma tendência de desenvolvê-la numa descrição do vivido onde o “exterior” se esboça como experiência do corpo, do espaço, dos limites da vontade, da presença indelével do outro. Mas como a literatura nos aponta essa experiência da linguagem e do exterior? Para que possamos compreender melhor como a literatura nos aponta para essa experiência do exterior temos que evidenciar quando essa literatura – literatura que se remete e se refere a essa experiência e a essa forma de pensar a própria escrita, letra e linguagem – tivera suas condições de possibilidades para que se fizesse. Segundo Foucault a literatura, a “literatura” em seu rigor teve seu limiar de existência precisamente no fim do século XVIII, onde é nessa literatura erigida que podemos observar uma linguagem que consome a si mesma em outra linguagem, onde é essa linguagem-outra que faz nascer uma figura obscura mas dominadora na qual atuam a morte, o espelho e o duplo, o ondeado ao infinito das palavras.

Habitua-mo-nos a acreditar que a literatura moderna se caracteriza por um redobramento que lhe permitiria designar-se a si mesma e quando ela faz essa autorreferência ela encontra um meio de ao mesmo tempo de se

interiorizar ao máximo e de se manifestar em signos sua longínqua existência. É a esse acontecimento, segundo Foucault, que faz nascer o sentido estrito de “literatura”, essa literatura pertence à ordem da interiorização em uma abordagem superficial, tratando-se muito mais de uma passagem para o fora, ou seja, a linguagem escapa das suas próprias regras, do modo de ser do discurso, da lei que permeia a linguagem e que se duplica no espelho<sup>10</sup>, escapando, assim, da dinastia da representação. Dessa forma o discurso literário desenvolve-se sobre si mesmo construindo uma rede em que cada ponto está situado em relação aos outros em um mesmo espaço que ao mesmo tempo os abriga e os separa. A literatura faz com que a linguagem coloque a ela mesma o mais longe dela, ela (a literatura) não faz referência à linguagem se aproximando de si até o ponto de sua manifestação, de sua origem, de sua manifestação. A literatura busca uma linguagem que a coloque “fora de si” mesma desvelando o seu ser próprio. Esse movimento aponta-nos uma dispersão dos signos nos demonstrando muito mais um afastamento do que uma retração.

O espaço da linguagem não é definido mais pela retórica mas pela biblioteca, isso implica em uma linguagem que seja devotada a si mesma, devotada a ser infinita. Essa linguagem da biblioteca substitui à dupla cadeia da retórica a linha simples, ela é uma linguagem fragmentada sustentada pelo infinito das linguagens fragmentadas. Ela encontra em si a possibilidade de se desdobrar, de se repetir de fazer o sistema vertical dos espelhos, imagens de si mesma, das analogias. Ela não repete nenhuma palavra, nenhuma promessa, mas se recua infinitamente até a morte dessa forma abrindo incessantemente um espaço em que ela é sempre o análogo de si mesma. Dessa forma demonstrando o seu movimento de autorreflexão, o seu olhar no espelho, o seu duplo, o seu caminhar ao infinito.

---

<sup>10</sup> Quando Foucault faz alusão ao espelho refere-se ao texto *A linguagem ao infinito* onde ele mostra a aproximação da linguagem com a morte e que são separadas por uma linha tênue e fina, uma fina espessura. É o jogo dos espelhos que dá à linguagem a possibilidade de se multiplicar e de se afastar da morte, mas sempre estando permeada pela mesma. É esse afastamento e ao mesmo tempo essa aproximação da morte que faz com que a linguagem seja infinita, que sempre esteja em um movimento infinito sem começo, sem centro, sem fim.

Ela para fazer esse movimento de autorreflexão, de jogar o jogo dos espelhos, de ter o seu duplo através dele é preciso que ela transgrida o limite a ela dado pela retórica, pela linguagem formal, como diz Blanchot, pela linguagem bruta e para isso é necessário à linguagem ficcional que é criadora de objetos e não apenas os representa. A transgressão transpõe e não se cansa de começar a transpor uma linha e a ao mesmo tempo desse movimento de transgressão fecha-se de novo num movimento de tênue memória, recuando-se novamente para o horizonte do intransponível, ao limite, ao proibido. Dessa forma o limite e a transgressão devem um ao outro a sua possibilidade de ser – um é em função do outro. Não necessita de oposição, não precisa de síntese, de um absoluto, mas apenas do movimento do possível.

o limite abre violentamente para o ilimitado, se vê subitamente arrebatado pelo conteúdo que rejeita, e preenchido por essa estranha plenitude que o invade até o âmago. A transgressão leva o limite até o limite do seu ser; ela o conduz a atentar para sua desaparecimento iminente, a se reencontrar naquilo que ela exclui (mais precisamente talvez a se reconhecer aí pela primeira vez), a sentir sua verdade positiva no movimento de sua perda. E, no entanto, nesse movimento de pura violência, em que a direção a transgressão se desencadeia senão para o que a encadeia, em direção ao limite e àquilo que nele se acha encerrado? (FOUCAULT, M. *Ditos e escritos III*, p.32-33).

A partir disso inferimos que a transgressão não está para o limite assim como o exterior para o interior ou como o negro está para o branco. Ela (a transgressão) não opõe nada a nada, não procura abalar a solidez dos fundamentos porque ela não é a violência em um mundo partilhado, em um mundo ético, e nem triunfa sobre limites que ela apaga. Nada na transgressão é negativo, ela é o próprio movimento, é o seu transpor os limites que faz o ser dela, ela é, no seu amago, o movimento. Ela afirma o limitado, afirma o ilimitado ao qual ela se lança, dessa forma abrindo pela primeira vez à existência. Porém essa transgressão nessa afirmação não tem nada de positivo, pois por definição nenhum limite pode retê-la.

Dessa forma a filosofia contemporânea, acredita Foucault, tenha encontrado e inaugurado uma possível afirmação não positiva, ainda segundo o pensador, é essa filosofia da afirmação não positiva, que Blanchot, acredita ele, definiu pelo princípio de contestação. Isso significa que aí não se trata de uma negação generalizada, mas sim de uma afirmação que nada afirma, é uma plena ruptura de transitividade. A contestação não é o esforço feito pelo pensamento para negar existências ou valores, mas sobre tudo, é o gesto que reconduz cada um deles aos seus limites, dessa forma nos conduzindo até o núcleo vazio no qual o ser atinge o seu limite e no qual esse limite define o ser, vazio.

## BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, M. *Ditos & escritos: Estética: Literatura e Pintura, Musica e Cinema*. VOL.III. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2001.

———. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

———. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martin Fontes, 1992.

———. Resposta ao círculo de epistemologia. In: *Estruturalismo e teoria da linguagem*. Trad. de L.F. Baeta Neves. Petrópolis, Vozes, 1971. p. 12-52.

———. *O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1971. (Comunicação, 3).Cf. "Entrevista com Michel Foucault" por S.P. Rouanet e J.G. Merquior, p. 17-42; Rouanet, S.P., "A gramática do homicídio", p. 91-139.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita: a palavra plural, palavra de escrita*.VOL.I. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.

———. *L'espace littéraire*. France: Gallimard, 1978.

DELEUZE, G. *Foucault*. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. 1ª.ed. São Paulo: Editora brasiliense, 2008.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LEVY, Tatiana Salem. *A Experiência do Fora*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BRUNO, Mário. Foucault e Blanchot (da analítica da finitude a experiência do Fora). In: *Barthes/Blanchot: Um encontro possível?* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

PELBART, Peter Pál. Excurso sobre o desastre. In: *Barthes/Blanchot: Um encontro possível?* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1999.

———. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

HUISMAN, Denis. *Dicionário dos Filósofos*. Trad. Claudia Berliner, Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes. 2001